

**Dossiê 4**

**Currículo: espaço de reflexão e poder**

**DOI: 10.5965/25944630322019080**

## **PRÁTICAS INCLUSIVAS: SEMINÁRIO MODA INCLUSIVA FORTALEZA – RELATO DE EXPERIÊNCIA**

**Inclusive practices: inclusive fashion seminar  
Fortaleza – experience report**

**Fernanda Cristina Castelo de Lima Martins<sup>1</sup>**

**Maria Fabíola Fonsêca Mourão Teixeira<sup>2</sup>**

**Araguacy Paixão Almeida Filgueiras<sup>3</sup>**

---

<sup>1</sup> Graduada em Design de Moda pela Universidade de Fortaleza, UNIFOR, Fortaleza – CE; Mestre em Enfermagem pela Universidade Federal do Ceará, UFC, Fortaleza – CE.

E-mail: [nandamartins.fm@gmail.com](mailto:nandamartins.fm@gmail.com) - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1550322462704577>

<sup>2</sup> Mestranda em Ciências da Cultura pela Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro (UTAD); Professora do curso de Design de Moda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR). Tem experiência nas áreas de artesanato e moda inclusiva.

E-mail: [fabismoda@gmail.com](mailto:fabismoda@gmail.com) - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2952704489603162>

<sup>3</sup> Professora do Bacharelado em Design-Moda da Universidade Federal do Ceará. Doutora em Engenharia Têxtil pela Universidade do Minho-PT; Ministra as disciplinas de Modelagem, Moulage e Ergonomia. Pesquisadora nestas áreas e em artesanato e afins. E-mail: [aradesign@uol.com.br](mailto:aradesign@uol.com.br) - Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7893205750455259>

## Resumo

Considerada efêmera por vários autores, a moda apresenta-se como objeto de desejo e abrange inúmeros estilos o que propicia opções variadas a uma diversidade de pessoas. Todavia, se para algumas pessoas a oferta de produtos é demasiada e com rotatividade constante, para outras, como pessoas obesas ou com deficiência, o cenário é completamente diferente. A partir dessa realidade, das discussões e mobilizações dos segmentos sociais demandando inclusão e acessibilidade para Pessoas com Deficiência (PCDs), foram conquistadas políticas públicas como a sanção da Lei N°13.146, de 6 de junho de 2015, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão Social da Pessoa com Deficiência-Estatuto da Pessoa com Deficiência, permitindo que moda e deficiência incrementassem um diálogo que deu origem à Moda Inclusiva. Impulsionados por esse contexto, professores da Universidade Federal do Ceará, de outros cursos de moda e profissionais sensíveis à causa de PCDs, realizaram o Seminário Moda Inclusiva 2017, primeiro do gênero na cidade de Fortaleza, cujo relato trazemos nesse trabalho. Ocorrido nos dias 23 e 24 de março de 2017, no Centro de Profissionalização Inclusiva para a Pessoa com Deficiência (CEPID), destinou-se a discutir como Moda e Design podem ser trabalhados no sentido de melhorar a qualidade de vida de PCDs. Buscou-se sensibilizar o meio produtivo e comercial, instituições públicas, estudantes de moda e pessoas interessadas na temática. Dentre as ações consequentes, destacam-se o curso de capacitação em calçados para PCDs e o desenvolvimento de calçados para pessoas atingidas pela hanseníase e ou com deficiência.

**Palavras-Chave:** Pessoas com deficiência. Seminário Moda Inclusiva. Inclusão Social.

## Abstract

Considered ephemeral by several authors, fashion presents itself as an object of desire and encompasses innumerable styles, which offers varied options to a diversity of people. However, if for some people the supply of products is too much and with constant turnover, for others, such as obese or disabled people, the scenario is completely different. From this reality, from the discussions and mobilizations of the social segments demanding inclusion and accessibility for People with Disabilities (PCDs), public politics were conquered as the sanction Law No. 13,146, June 6th, 2015, which instituted the Brazilian Law (BRAZIL, 2015), allowing fashion and disability to increase a dialogue that gave rise to the Inclusive Fashion. Driven of this context, teachers from the Federal University of Ceará, from other fashion courses and professionals sensitive to the PCDs cause, held the 2017 Fashion Seminar Inclusive, the first of its kind in the city of Fortaleza, whose report we bring in this work. Occurred on March 23 and 24, 2017, at the Center for Inclusive Professionalization for the Disabled (CEPID), was devoted to discussing how Fashion and Design can be worked to improve the quality of life of PCDs. The aim was to sensitize the productive and commercial environment, public institutions, fashion students and people interested in the subject. Among the consequent actions, we highlight the training course on shoes for PCDs and the development of shoes for people affected by leprosy and / or with disabilities.

**Keywords:** People with disabilities. Inclusive Fashion Seminar. Social inclusion.

## 1 INTRODUÇÃO

É possível se afirmar que a moda ajuda e influencia na construção da personalidade da pessoa, quando Woltz e Carvalho (2008, p.2) explicitam que “na sociedade contemporânea, a moda assume o importante papel de veículo de emoções e expressão de ideias”, propiciando assim que o indivíduo se sinta inserido no seu meio. Ao mesmo tempo em que é considerada efêmera por vários autores, é objeto de desejo e se apresenta em inúmeros estilos para uma elevada diversidade de pessoas. Todavia, se para alguns a oferta existe em grande quantidade, diversidade e rotatividade, seja em lojas de departamentos ou feiras populares, para outros, com peculiaridades diferenciadoras como obesos ou com deficiência, o cenário é bem diferente.

Tratado outrora como ‘deficiente’, nome usado para se referir às pessoas com algum tipo de limitação – física, mental ou sensorial –, Sassaki (2003) relata que existiram diversas denominações ao longo dos anos:

Utilizavam-se expressões como “inválidos”, “incapazes”, “excepcionais” e “pessoas deficientes”, até que a Constituição de 1988, por influência do Movimento Internacional de Pessoas com Deficiência, incorporou a expressão “pessoa portadora de deficiência”, que se aplica na legislação ordinária. Adota-se, hoje, também, a expressão “pessoas com necessidades especiais” ou “pessoa especial”. Todas elas demonstram uma transformação de tratamento que vai da invalidez e incapacidade à tentativa de nominar a característica peculiar da pessoa, sem estigmatizá-la. [...] Iguamente se abandona a expressão “pessoa portadora de deficiência” com uma concordância em nível internacional, visto que as deficiências não se portam, estão com a pessoa ou na pessoa, o que tem sido motivo para que se use, mais recentemente, [...], a forma “pessoa com deficiência” (SASSAKI, 2003, p.1236)

Diante dessa realidade, de discussões e mobilizações dos segmentos sociais demandando inclusão e acessibilidade para Pessoas com Deficiência (PCDs), foram conquistadas políticas públicas próprias, como, mais recentemente, a sanção da Lei Nº 13.146, de 6 de Julho de 2015, que instituiu a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência - Estatuto da Pessoa com Deficiência (BRASIL, 2015), o que permitiu que moda e deficiência incrementassem um diálogo que deu origem à, assim denominada, Moda Inclusiva.

De acordo com Auler (2014), a moda inclusiva propõe o vestir e desvestir com autonomia e beleza, incorporando soluções inovadoras na modelagem e acabamentos, para aqueles com deficiência permanente ou temporária, sem distinção de idade ou sexo, sejam adultas ou crianças, ou mesmo para os que desejem usá-la, por uma questão de conforto ou pelo design diferenciado. A proposta tem o olhar voltado, também, para facilitar o acesso aos locais onde o produto é comercializado. Contudo, a maior discussão em que o conceito está imerso, é a democratização de todo o processo que envolve a moda.

Pode-se considerar, também, que a produção em moda para pessoas com deficiência deve extrapolar o saber fazer, indo mais além na apropriação do que está na essência, ou seja, entender o que é deficiência. Com tal propósito, designers de moda e professores dos cursos de moda da cidade de Fortaleza, capital do Ceará, com atuação na área das políticas públicas e aproximação da temática, seja pela práxis na academia ou pelo fazer cotidiano, idealizaram e realizaram o Seminário Moda Inclusiva Fortaleza 2017, objeto de relato desse trabalho aqui apresentado.

O evento foi um momento em que moda e inclusão, pela amplitude de abrangência e relevância à sociedade, assumiram o centro das discussões a envolver processos,

tecnologia e metodologias. Essa conjunção de esforços proporcionou um nível de sinergia suficiente a explicitar que um universo tão diverso, como a moda, é capaz de acolher a todos, considerando suas singularidades e criar coisas belas.

Voltado às Pessoas com Deficiência / Estudantes de Moda / Professores de Moda / Pessoas e instituições envolvidas com a cadeia têxtil e com a temática / Pessoas interessadas na temática, o Seminário aconteceu nos dias 23 e 24 de março de 2017, nas dependências do Centro de Profissionalização Inclusiva para a Pessoa com Deficiência (CEPID).

Teve como objetivo central aprofundar a discussão sobre moda e deficiência, que resulte em estratégias para o desenvolvimento e fortalecimento da moda inclusiva no Ceará, além de: discutir deficiência e moda inclusiva; apresentar roupas produzidas de acordo com o conceito de moda inclusiva; sensibilizar profissionais e gestores para ações mais efetivas, acessíveis e inclusivas; articular instituições, profissionais, estudantes e Pessoas com Deficiência para discussões e ações futuras envolvendo a temática.

A metodologia utilizada envolveu rodas de conversa, aulas técnicas e desfile com experiência sensorial, cujo intuito foi despertar nos participantes o envolvimento nas discussões de cada tema de forma, ao mesmo tempo, leve, pedagógica e reflexiva.

O evento contou com a participação de 100 (cem) inscritos e, dentre os convidados, pode-se destacar a participação de Daniela Auler, idealizadora do projeto Moda Inclusiva, da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, do Governo de São Paulo (SEDPCD). De igual importância foi a presença de profissionais atuantes, empresários e participantes de eventos na causa da Moda Inclusiva, todos com expertise e propriedade no tema, conferindo para os presentes, argumentos que fomentaram a discussão sobre moda para Pessoas com Deficiência como uma necessidade ainda pouco explorada pelos empresários da moda.

## 2 MODA INCLUSIVA

A palavra moda vem repleta de significações, como por exemplo status, conforto, design e até pertencimento. De modo mais abrangente, Rech (2002, p. 29) afirma que “a moda compreende mudanças sociológicas, psicológicas e estéticas intrínsecas à arquitetura, às artes visuais, à música, à religião, à política, à literatura, à perspectiva filosófica, à decoração e ao vestuário”. Entende-se que a moda, particularmente no vestuário, não se trata apenas de uma vestimenta por trazer consigo elementos de pertencimento, de autoestima, significados e status social. Conforme Dario Caldas (2004), o sistema da moda se faz complementar de complexas engrenagens a conectarem lógicas sociais, históricas, econômicas e antropológicas, e assim, ela expressa, reproduz e nutre uma série de relações existentes. Nesse contexto, Santaella (2008) complementa:

Não há nada mais eficaz do que a moda para dar expressão teatral à experiência alucinatória do mundo contemporâneo. É a moda que exhibe, por meio de signos mutantes, a corporificação, a externalização performática de subjetividades fragmentadas, sem contornos fixos, movediças, escorregadias, mutáveis, flutuantes, voláteis. Em razão disso, a moda se constitui em laboratório privilegiado para o exame das subjetividades em trânsito (SANTAELLA, 2008, p.165).

Sob a forma de vestuário, a moda emite juízo de valor a evidenciar a natureza socializante verificada nas vivências das pessoas em relação à roupa, dando sentido e apontando direções, significados e instrumentos de julgamento. Isso só é possível por-

que qualquer indumentária sempre objetiva significar algo a alguém, e exatamente por isso pode ser usada como instrumento de mediação entre o indivíduo e o sentido que ela imprime em suas ações. Do ponto de vista da Antropologia, interessam as relações entre os diversos grupos, de acordo com a posição que ocupam na estrutura social. Para tanto, torna-se obrigatória a devida inclusão de obesos, pessoas com deficiências, e outras variantes, no fito de propiciar uma integração generalizada de todos os atores sociais, indistintamente. No atendimento à tão relevante questão em uma conjuntura na qual se notabiliza o ser humano como animal social, emerge como resposta a Moda Inclusiva.

A moda inclusiva se refere ao conceito de participação social incluindo a todos os indivíduos indistintamente. Nesse sentido, Steinfeld e Tauke (2002, p.170) afirmam que o design inclusivo tem como objetivo inserir a sociedade e eliminar a discriminação, e defendem que “não basta fornecer às pessoas uma característica funcional, o design inclusivo tem que fazer com que essa característica seja fácil de usar e que seja atrativa aos consumidores”. Cambiaghi e Youssef (2007) relatam sobre a dimensão da inclusão:

A inclusão é um processo muito mais amplo que diz respeito à mudança de olhar sobre o mundo, sobre as relações, sobre os direitos; a inclusão diz respeito à percepção interna de cada indivíduo. A diversidade passa a ser vista como valor. A sociedade se modifica e a pessoa com deficiência também, para que todos possam viver em condições de equiparação de oportunidades (CAMBIAGHI; YOUSSEF, 2007, p. 34).

Corroborando com os autores, é perceptível que muitas vezes, o indivíduo com deficiência vem sendo rotulado como não consumidor, situação constrangedora de expressiva ocorrência nos acordos relacionados a quesitos como acessibilidade em lojas, tipos de modelagens, formas de abotoamentos e acabamentos, ou de uma abordagem racional e justa a deficientes. Tudo confrontado com o que é veiculado pelas mídias, podendo assim, evidenciar a existente visão de irrelevância desse grupo como clientela capaz de despertar interesse comercial.

Pode-se inferir, então, que a moda inclusiva emerge no intuito de pesquisar e encontrar meios capacitados à inserção de corpos com deficiência no mercado, sob uma óptica generalizada, condição que a indústria hoje, não contempla ou atende de modo deficitário. Também é importante ressaltar que moda inclusiva tenciona ainda, criar roupas com design, conforto e estilo, eliminando o aspecto puramente funcional.

Cada peça de vestuário pode ser compreendida como uma extensão do corpo, uma segunda pele, independentemente de ser ou não visualizada de igual modo para ou pelas pessoas com deficiência (PCDs). O importante é considerar que todos os indivíduos devem usufruir da experiência de escolher suas próprias roupas, a qual grupo almejam pertencer e como desejam ser vistas, visando à sua individualidade, estima e auto realização.

Roncoletta (2007) relata que grande parte dos produtos de moda está direcionada para possibilitar a inclusão ou exclusão do indivíduo no meio social por meio da aparência, sendo o design o maior proporcionador de inclusão social.

A utilização dos conhecimentos ergonômicos para a moda inclusiva se caracteriza como premente, uma vez que a vestibilidade atende ao vestir e despir, aos movimentos com conforto e às sensações agradáveis e prazerosas durante o uso.

Costa, Moura e Wolff (2014, p. 6) ressaltam que o desenvolvimento de produtos inclusivos tem como premissa “conceber produtos ou ambientes que possam ser utilizados por todas as pessoas, não um grupo determinado de pessoas, sem que haja a ne-

cessidade de qualquer adaptação específica para o seu uso” (COSTA; MOURA; WOFF, 2014). Possibilitar essa inclusão está diretamente ligado à utilização dos princípios do design universal que são o uso equitativo, flexível, simples e intuitivo, informação perceptível, baixo esforço físico, tolerância ao erro e o dimensionamento de espaços para acesso e uso. Infere-se, dessa forma, que incluir é tornar acessível a todos indistintamente, seja aos produtos ou no acesso a estes.

### **3 INCLUSÃO x EXCLUSÃO – DADOS NACIONAIS**

Realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o Censo de 2010 apontou que 45,6 milhões de brasileiros declararam ter algum tipo de deficiência, sendo que destes, 23,9% possuíam pelo menos uma das deficiências investigadas: visual, auditiva, motora e mental ou intelectual. A prevalência da deficiência variou de acordo com a natureza delas e foi identificada e agrupada conforme o grau de dificuldade conforme a percepção das pessoas entrevistadas sobre as suas funcionalidades (BRASIL, 2012).

Segundo a Pesquisa Nacional de Saúde (PNS) (2013), 1,3% da população do Brasil declarou possuir alguma limitação, sendo o percentual para os homens (1,6%) maior que o observado para as mulheres (1,0%). A partir dos 30 anos, as proporções foram crescentes em todos os grupos de idade: 30 a 39 anos, 1,0%; 40 a 59 anos, 1,9%; e 60 anos ou mais, 3,3%. As pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto apresentaram percentual superior (1,9%) ao verificado nos demais níveis de instrução. No país, 0,3% da população nasceu com deficiência física, enquanto 1,0% a adquiriu em decorrência de doença ou acidente.

Ainda conforme a PNS (2013), a Região Norte apresentou a menor proporção de pessoas com incapacidade motora adquirida por doença ou acidente, 0,8%. Em relação às pessoas que adquiriram limitações por doença ou acidente, foram estimadas as maiores proporções nos seguintes segmentos: homens (1,3%), pessoas de 60 anos ou mais de idade (3,1%) e pessoas sem instrução ou com fundamental incompleto (1,5%). Da população, 46,8% possuíam grau intenso ou muito intenso de limitações, ou ainda não conseguiam realizar as atividades habituais. Estimou-se que 18,4% da população com restrições motoras, frequentavam algum serviço de reabilitação.

Para o mesmo período no estado do Ceará, segundo divulgação do Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE), de 8.448.055 habitantes, existem, pelo menos 2.340.150 pessoas com deficiência. O percentual da população residente no estado com algum tipo de deficiência (27,69%) supera os índices do Nordeste (26,63%) e do País (23,92%) (CEARÁ, 2012).

Em Fortaleza, dos 2.452.185 habitantes, 646.493 declararam ter, pelo menos, uma das deficiências investigadas, o que corresponde a 26% da população (BRASIL, 2012). Destaque-se que, em Fortaleza, existem 508.397 pessoas com deficiência visual (20,73%); 181.427, deficiência motora (7,4%); 144.997, deficiência auditiva (5,91%, e deficiência mental/intelectual (1,29%) (IBGE, 2010).

Convém ressaltar que o estado do Ceará, apesar da situação econômica nacional, apresenta-se como o quinto estado com maior produção têxtil e confeccionista do país. Cerca de 3200 empresas empregam em torno de 60 mil trabalhadores registrados,

cuja produção se aproxima de 600 mil peças anuais e 180 mil toneladas de artigos têxteis (DIÁRIO DO NORDESTE, 2015).

Na observação dos dados demonstrados e o fato de o Ceará ser um importante polo de moda brasileiro, coadjuvado pela ampliação do ensino superior de dos cursos de design de moda no estado, que na última década cresceu de dois para seis cursos, o tema ‘pessoas com deficiência’ se torna de grande relevância para discussão e aprofundamentos.

## 4 SEMINÁRIO MODA INCLUSIVA FORTALEZA 2017

### 4.1 A realização do Seminário

O evento aconteceu em dois dias para um público de cem pessoas composto por estudantes de design de moda e áreas afins, trabalhadores e professores de design, inclusive design de interiores, representantes de associações e outras organizações representativas das Pessoas com Deficiência (PCDs), de setores da indústria e comércio e órgãos governamentais, local e de São Paulo.

O Seminário contou com interpretação para língua de sinais e audiodescrição simultâneas e objetivou aprofundar e ampliar a discussão sobre moda e deficiência, para resultar em estratégias para o desenvolvimento e fortalecimento da moda inclusiva no Ceará. Buscou-se, também, sensibilizar profissionais e gestores para ações mais efetivas, acessíveis e inclusivas; e articular instituições, profissionais, estudantes e Pessoas com Deficiência para discussões e ações futuras envolvendo a temática.

Exposta no Quadro 1, a programação constou da abertura oficial, com a fala dos representantes das PCDs, órgãos governamentais e instituições de ensino.

Quadro 1 – Programação do Seminário Moda Inclusiva Fortaleza 2017

	<b>DIA #1 – 23/3 quinta-feira</b>	<b>DIA #2 – 24/3 sexta-feira</b>
<b>Manhã</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Credenciamento</li> <li>• Abertura</li> <li>• Apresentação cultural – Companhia Dança sobre Rodas - Elos da Vida</li> <li>• Roda de Conversa PESSOAS COM DEFICIÊNCIA – Direitos que precisamos saber</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Roda de Conversa INOVAÇÕES – Experiências e Oportunidades</li> <li>• Roda de Conversa – MODA INCLUSIVA – Cultura, Formação e Mercado: caminhos de inserção</li> </ul>
<b>Tarde</b>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Roda de Conversa MODA &amp; DEFICIÊNCIA – Um mundo de possibilidades</li> <li>• Roda de Conversa MODA INCLUSIVA PARA OS PÉS – Pisando firme quando o assunto são os calçados</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Desfile – Aula técnica DESIGN E CONFORTO – ergonômico, sensorial, termofisiológico e psicoestético</li> <li>• Experiência cinestésica</li> <li>• Encerramento</li> </ul>

Fonte: Arquivos do Seminário Moda Inclusiva Fortaleza (2017)

Após o credenciamento, os participantes foram convidados para assistir uma apresentação cultural do grupo Companhia de Dança sobre Rodas (Figura 1), da Associação Elos da Vida, composta por sete bailarinos, cadeirantes e andantes. A apresentação de balé foi realizada na entrada do CEPID.

Figura 1 – Companhia Dança Cadeiras sobre Rodas



Fonte: Arquivos do Seminário Moda Inclusiva Fortaleza (2017).

O conteúdo das rodas de conversa foi organizado numa perspectiva crescente, de modo a atrair a atenção dos participantes e contribuir para a melhor compreensão sobre a temática central do evento – inclusão e moda. A opção pelas Rodas de Conversa, enquanto técnica para fomentar o debate, se deu pelo entendimento dos organizadores do seminário, em especial, na percepção do evento como um momento em que todos pudessem, na medida do possível, considerando a estrutura física do espaço e disponibilidade das cadeiras, participar ativamente da discussão. Para tal, foram utilizados os conceitos de Moura e Lima (2014, p.98), para os quais a roda de conversa é, “uma forma de produzir dados em que o pesquisador se insere como sujeito da pesquisa pela participação na conversa e, ao mesmo tempo, produz dados para discussão.” Essa técnica se configura em uma ferramenta que possibilita reflexão e interação sobre assuntos de propriedade dos sujeitos, que envolvem e permitem observação, diálogo, ponderação e argumentação.

Nas rodas de conversa (Figura2) foram apresentados e debatidos projetos já desenvolvidos com êxito, mostrando a viabilidade técnica, financeira e comercial da produção de peças com ergonomia e design, ressaltando a utilização de modelagens atuais onde se destacam como diferenciais a aplicação de aviamentos como zíper, velcros e botões no propósito de propiciar conforto e autonomia no vestir e despir, no segmento feminino, masculino e infantil. Foi, também, apresentado e discutido trabalho realizado no exterior em que foram desenvolvidas roupas para atletas usuários de cadeiras de rodas.

Figura 2 – Mesas Redondas



Fonte: Arquivos do Seminário Moda Inclusiva Fortaleza (2017).



No encerramento do Seminário foi realizada uma Aula Técnica sobre ergonomia, design e conforto, apresentada por Daniela Auler<sup>1</sup> e comentada por quatro docentes das instituições parceiras. O momento consistiu em um desfile com itens de vestuário inclusivo cedidos do acervo do Concurso Moda Inclusiva, da SEDPCD-SP e peças de roupa locais, dos finalistas das duas edições do Concurso Ceará Moda Acessível (2014 e 2015), promovido pelo CEPID. Os modelos desse desfile (Figura 3) foram pessoas com e sem deficiência, incluindo crianças, com destaque para a participação especial da ex-Miss Brasil de 2015, a cearense Melissa Gurgel, que encerrou o desfile.

Figura 3 – Desfile Aula técnica



Fonte: Arquivos do Seminário Moda Inclusiva Fortaleza (2017).

Nesse momento foram abordadas as especificidades de cada composição, como ergonomia, acabamento, tecido, caimento, modelagem e estilo. Vale ressaltar que as peças desenvolvidas nos concursos e apresentadas no desfile, podem ser usadas por pessoas com deficiência ou não, evidenciando que moda inclusiva é uma vertente viável, não somente no relacionado a um composto visual harmonizado, como também de atratividade comercial.

A atividade seguinte teve como foco os deficientes visuais: por meio de uma vivência cinestésica (Figura 4), prática desenvolvida por estudantes do curso de Design de Moda da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), atividade na qual convidados da plateia participaram da experimentação sensorial. No palco foram construídos dois círculos de pessoas voluntárias, composto por seis integrantes, onde um era deficiente visual e o colega do lado não era cego, mas com os olhos vendados.

<sup>1</sup> Idealizadora do projeto Moda Inclusiva, da Secretaria de Estado dos Direitos da Pessoa com Deficiência, do Governo de São Paulo (SEDPCD) e do Concurso Internacional Moda Inclusiva que, em 2018, já conta com a sua 10ª edição.

Figura 4 – Experiência cinestésica



Fonte: Arquivos do Seminário Moda Inclusiva Fortaleza (2017).

Os looks apresentados para os dois grupos eram idênticos, com peças a apresentarem texturas, informações e bordados em braile. No transcorrer da ação um procedimento de audiodescrição era realizado conforme as pessoas se levantavam para analisar as peças. O mais interessante foi o fato de os deficientes visuais ajudarem os demais colegas a levantarem e sentarem, como também a assimilarem o que estava sendo descrito da peça, afinal, para eles, o toque é ferramenta essencial para a correta caracterização da vestimenta. Outro fator relevante dessa atividade refere-se à peculiaridade dos voluntários oriundos da plateia terem impedida a visualização das peças pela colocação de vendas nos olhos, uma vez que o processo da identificação dos looks ser efetivada a partir da audiodescrição.

No final foram convidados alguns participantes para descrever o que sentiram durante o processo, gerando uma polêmica acerca do assunto

Paralelamente às discussões ocorrentes no plenário do CEPID, foi criado no hall de entrada do local, um *lounge* especialmente montado pelos professores e estudantes do curso Design de Interiores da Faculdade Estácio, como também uma exposição de trabalhos desenvolvidos sob a óptica da moda inclusiva, produzidos por estudantes das instituições parceiras. O ambiente tinha como propósito básico de sua montagem, possibilitar, durante o fluxo livre dos estudantes, visibilidade ao tema e maior interação desses com o próprio evento em si.

#### 4.2 Discussão dos resultados

A inscrição foi realizada por meio digital e, na ocasião, o interessado preenchia um formulário que possibilitou à organização, conhecer mais esse participante.

O evento teve a participação de cem inscritos, numa faixa etária de menos de 19 a 60 anos e mais, sendo 4 (quatro), no menor intervalo e 1(hum), para a maior idade (Gráfico1). Os demais registrados foram: 20-29a (14); 30-39a (11); 40-49a (6) e 50-59a (6), de acordo com os que informaram a idade na ficha de inscrição (menos de 50%).

De acordo com o sexo, o maior público foi de mulheres, com 86%, seguidos dos homens, 12%. Uma pessoa preferiu não declarar (1%) e outra registrou-se como outros (1%), sem acrescentar comentários (Gráfico 2).

Gráfico 1 – Faixa etária

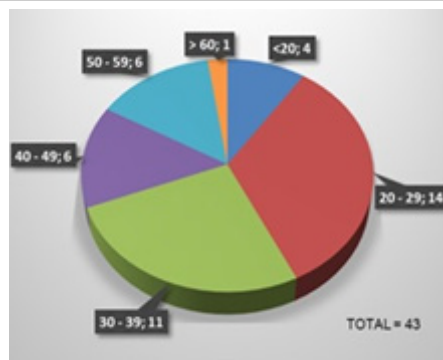
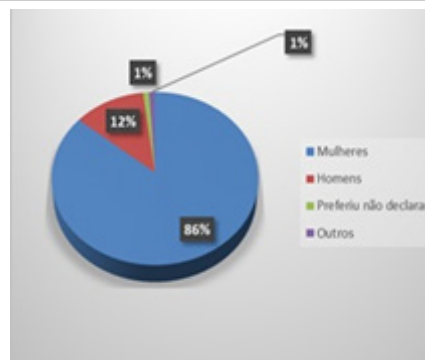


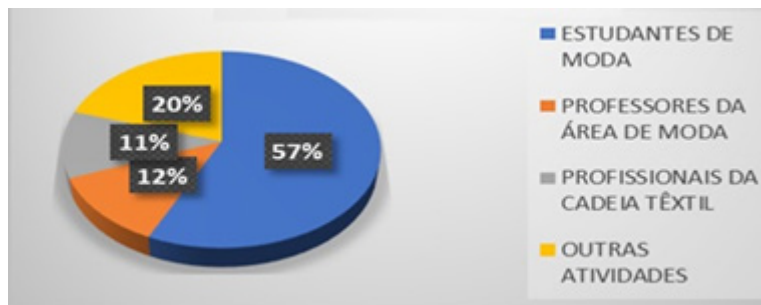
Gráfico 2 – Sexo



Fonte – Formulário de inscrição (2017).

O Gráfico 3 mostra a atividade cotidiana desenvolvida pelos participantes do evento: 57% dos participantes eram estudantes de moda, seguidos de professores da área de moda (12%) e profissionais da cadeia têxtil (11%). As demais 20 pessoas (20%) desenvolviam outras atividades. Verifica-se que o público corresponde à expectativa com relação à capacidade do evento em atrair pessoas interessadas na temática, especialmente, por esta despertar, em sua essência, forte apelo emocional, além de se apresentar como oportunidade promissora a negócios ligados à moda em decorrência do expressivo contingente de PCDs vir emergindo como consumidor, a cada dia mais consciente e exigente no que se refere a encontrar seu lugar na sociedade como alguém com desejos a originarem hábitos e comportamentos de consumo.

Gráfico 3 – Atividade cotidiana dos participantes



Fonte – Formulário de inscrição (2017).

Das instituições de ensino presentes, superior e técnico com cursos na área de moda, por meio de seus representantes inscritos, estudantes e professores, registre-se que todas da capital participaram (6). Considerando que o formulário de inscrição foi aberto, *on line*, vale ressaltar a presença de estudantes das instituições: UEMG-Unidade Passos (1), UFRPE (Pernambuco) – 1, IFPI (Piauí) – 1, FAC. DRUMMOND (São Paulo) – 1 e FUPES (Santos-SP) – 1. Verifica-se que o meio virtual propicia a difusão em larga escala de divulgação, constituindo-se uma ferramenta favorável à realização do Seminário.

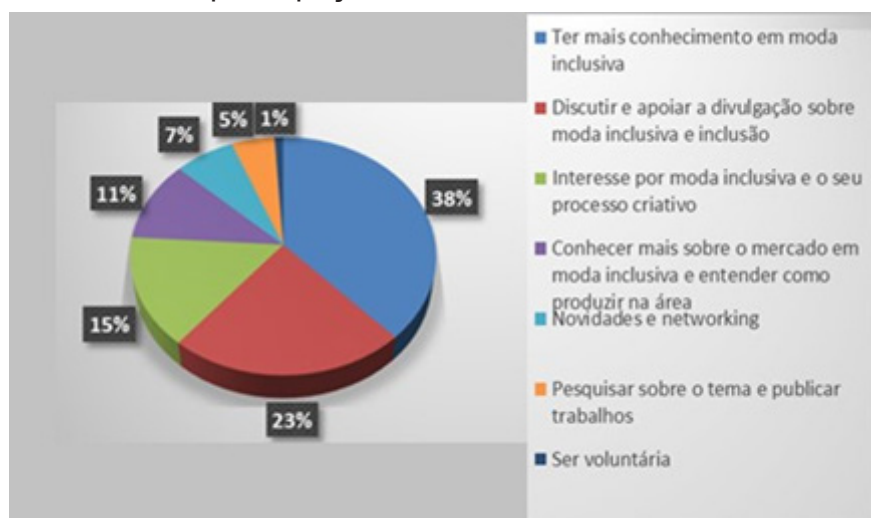
É possível considerar que a curiosidade e o entusiasmo no assunto podem refletir o interesse em como melhorar a qualidade de vida das PCDs pois, como nos dizem Brito e Sato (2017), o vestuário inclusivo pode influenciar no resgate da autoestima, possibilitar autonomia e aumentar a sua participação na sociedade.

Em relação ao local de trabalho informado, 23 participantes responderam. Desse, 10 disseram ter seu próprio atelier; 5 se colocaram como autônomos; 1, registrou-se como sendo do segmento indústria; 3, vinculados a órgãos governamentais; 2, de associações de pessoas com deficiência e 1, vinculada a um projeto social com jovens de periferia ('Cultura em destaque' e 'Projeto É noiz periferia'). A diversidade de origem do público participante atendeu à expectativa dos organizadores, sugerindo, inclusive, não apenas curiosidade em relação à temática, mas uma expectativa de novas possibilidades no campo da moda.

De acordo com o Gráfico 3, pode-se verificar que, ao serem perguntadas se tinham alguma deficiência, permanente ou parcial, 84 pessoas responderam NÃO, 16 SIM, sendo: motora – 1; motora/usuário de cadeira de rodas – 1; visual – 2; auditiva – 1; outras deficiências – 11 (não declaradas). Verificou-se, ainda, que uma pessoa só estava observando. Aqui vale ressaltar que a estrutura física do CEPID é totalmente adaptada à circulação confortável de pessoas com qualquer tipo de deficiência, espaço que favorece o acesso a todos.

Quando questionados sobre o interesse em participar do evento, fica destacado no Gráfico 4: ter mais conhecimento em moda inclusiva – 38; discutir e apoiar a divulgação sobre moda inclusiva e inclusão – 23; interesse por moda inclusiva e o seu processo criativo – 15; conhecer mais sobre o mercado em moda inclusiva e entender como produzir na área – 11; novidades e networking – 7; pesquisar sobre o tema e publicar trabalhos – 5 e ser voluntária – 1.

Gráfico 4 – Interesse na participação no Seminário Moda Inclusiva Fortaleza 2017



Fonte – Formulário de inscrição (2017).

Diante dessa realidade é válido se pensar que o público alvo da pesquisa não só compreende as barreiras que as pessoas com deficiência enfrentam, mas também já despertaram para a necessidade do desenvolvimento da moda inclusiva e que a democratização da moda só ocorrerá se for para todo o cidadão. Auler (2017) ressalta que o entendimento e as discussões a esse respeito envolvem o conhecimento da história de vida das PCDs, os aspectos socioculturais e os seus hábitos de consumo.

A autora ainda comenta que o interesse pela causa se relaciona com a elevação da autoestima, da autonomia e do autocuidado das PCDs. Conhecer sobre a temática leva à quebra de paradigmas, e oportuniza condições favoráveis ao surgimento de

novos negócios a terem como valores a ética e a responsabilidade social. Tal condição impacta diretamente no mundo da moda, principalmente pela força suficiente a provocar um repensar acerca de tratativas com a clientela, redirecionamento das expectativas de demandas, bem como redimensionamento da capacidade em provocar satisfação pela aceitação de nichos com significativa presença na sociedade.

Os interesses foram diversos, porém convergentes, inclusive com as duas atividades que finalizaram o evento: o desfile aula técnica e a experiência sensorial. O desfile aula técnica abordou a ergonomia e o conforto, exemplificando com design, técnica, beleza e desenvoltura por parte dos que desfilaram com as peças, bem como discutiu o criar, produzir e apresentar ao mercado um vestuário voltado para pessoas com deficiência, ávidas por respeito às suas condições de consumidores. Possibilitou, também, explicitar para aquelas que tinham interesse em um vestuário com design diferenciado, a conferir, sobretudo, autonomia no vestir e desvestir, considerando também, a praticidade para os cuidadores, coadjuvantes a executarem essa tarefa em quem está sob os seus cuidados.

Nesse sentido, ocorre uma concordância com Simões (2017, p.97), quando esta reforça a aplicação do design como importante ferramenta, digna de ser considerada um grande “instrumento capaz de implementar mudanças, expandindo conceitos de universalidade que permitirão ao setor desenvolver novas perspectivas que unam funcionalidade e estética.”.

A experiência sensorial vivenciada no desfile de manequins com roupas a apresentarem textura ou outros elementos, como informações em Braille sobre a peça, especialmente voltadas para pessoas com deficiência visual, com a respectiva participação de voluntários da plateia devidamente vendados, deixou evidente a relevância da utilização de elementos indicativos colocados nas roupas, como adereços, texturas, ou mesmo tecidos com algum odor. Tal condição possibilitou aos deficientes visuais logo identificar do que se tratava, afinal, para eles, a percepção tátil constitui atributo essencial para o reconhecimento do vestuário. Em adição ao exposto, em um estudo realizado com deficientes visuais, Mariano (2017) destaca a necessidade do toque na peça, pois é o momento em que se reconhece a sensação têxtil, a textura, os detalhes, a forma e, especialmente para o deficiente visual, vai proporcionar mais conforto e segurança.

Nas questões ligadas à acessibilidade comunicacional, foi possível constatar tal predicado por meio da audiodescrição por todo o evento. Neste sentido, Machado (2017) deixa claro que:

Quanto mais relações e associações as pessoas com deficiência visual obtiverem, mais seus conceitos serão ampliados e maior será a sua capacidade de relacioná-los em situações de seu cotidiano, desenvolvendo, desse modo, seu olhar crítico, fundamental para a formação dos juízos sobre o belo (MACHADO, 2017, p.108).

Na defesa do expressado anteriormente, com a audiodescrição, foi possibilitado o entendimento das imagens em movimento e estáticas através das informações repassadas oralmente para todas as pessoas com deficiência visual, desde a localização do foco a cores e tamanhos. O material impresso em braile também foi outro recurso utilizado para ampliar a compreensão do participante deficiente visual.

Os resultados ora apresentados referem-se apenas à realização do seminário. Porém, por consequência, verifica-se que os cursos de moda têm dado maior importân-

cia à moda inclusiva na sua integralização curricular e em trabalhos que os estudantes têm desenvolvido. Junto à instituição municipal Instituto de Planejamento de Fortaleza (IPLANFOR) e em parceria com outras duas instituições privadas, articula-se a realização de uma pesquisa de mercado para se obter um diagnóstico do consumo de moda pela pessoa com deficiência na cidade de Fortaleza. Outro resultado é o curso de capacitação em calçados para pessoas atingidas pela hanseníase e ou com deficiência que está sendo realizado, em parceria entre o curso de Design-moda/UFC, uma empresa de órteses e próteses e uma antiga colônia para pessoas com hanseníase no Ceará, com o apoio da Pró-Reitoria de Extensão da Universidade Federal do Ceará e da ONG holandesa NHR Brasil (Netherlands Hanseniasis Relief - Brasil). Para além dessa ação, já se realizou uma mesa redonda durante uma feira de tecnologias assistivas envolvendo, como temática, produtos de moda junto a um laboratório de pesquisa e desenvolvimento em automação com o qual se vislumbra a inserção de tecnologias no sentido de inclusão e melhor qualidade de vida às pessoas futuramente beneficiadas.

#### **4 CONCLUSÕES**

O Seminário Moda Inclusiva Fortaleza 2017 foi o primeiro evento, nesse formato, que aconteceu na capital cearense e, nas palavras da convidada, Daniela Auler, o primeiro que se teve notícia no país, apresentando uma convergência de debates no campo da moda, envolvendo a academia, o mercado, a indústria, a ciência e tecnologia e a cultura. Contribuiu para aprofundar a discussão sobre moda e deficiência, pois contou com a participação de atores que vivenciam essa realidade, além de outros interessados em se apropriar do tema.

Desta feita, a participação das instituições de ensino, profissionais da cadeia têxtil, gestores e pessoas com deficiência, aqueceu o debate sobre moda inclusiva, tornando clara a viabilidade da execução do binômio deficiência e moda na perspectiva da inclusão, além de apontar também, para um modelo de negócio, em que outros atores ainda devem se agregar, como o setor manufatureiro e o comércio.

As duas atividades que finalizaram o evento apresentaram roupas totalmente construídas dentro de um novo conceito, no qual ergonomia e conforto não destoaram da beleza e da oferta de praticidade para o vestir e desvestir com autonomia.

O evento abriu um canal de comunicação entre os participantes e chamou a todos para aprofundar esse debate sobre moda inclusiva em ações presentes e futuras. Em cada roda de conversa, proposições foram sendo feitas, como a entrada do segmento varejista no debate, conforme já mencionado anteriormente; estimulou as discussões com o setor de calçados voltados para pessoas com deficiência, ainda incipiente em terras alencarinhas, quando comparado com o setor de vestuário; ampliou a parceria das associações de representantes das pessoas com deficiência nas futuras construções e debates, bem como ampliou o diálogo com a indústria têxtil e seus associados.

Nos procedimentos de finalização do presente texto, um projeto ainda mais ousado foi constituído, seguindo às conclusões e recomendações aqui sinalizadas, na perspectiva de que a moda inclusiva tem a faculdade de contribuir de modo expressivo às propostas de ampliação e fortalecimento de um debate sobre políticas de inclusão, mostrando que esta atividade econômica pode e deve ser democrática, vencendo todas as barreiras e limitações. Na verdade, personifica uma ferramenta com competência ao

favorecimento à valorização individual e coletiva, disponibilizando opções à materialização de necessidades e desejos, em especial, pela oportunização, sem restrições, de alternativas ao processo de satisfação.

Com a efetivação de novas parcerias e articulações, está sendo possível o exercício de planejamento ao se realizar em 2019, a ação que envolve uma empresa de órteses e próteses e uma instituição que abriga pessoas atingidas pelo mal de Hansen.

O presente conteúdo serve de espaço para alertar que, a partir da fala de uma pessoa com deficiência, profissional a trabalhar em programas de mobilidade urbana e participante de uma roda de conversa no Seminário, é essencial a participação de PCDs em toda e qualquer ação a envolver o tema inclusão, com a seguinte frase: “Nada sobre nós, sem nós!”. Verifica-se, assim, que a experiência de cada um representa, com propriedade, desejos e necessidades de um coletivo.

Enfim, nesse projeto do Seminário, conseguiu-se, também, envolver cursos de moda do estado do Ceará e da capital do estado do Piauí em atividades itinerantes em cada instituição. O objetivo principal é, além de ampliar as discussões no binômio moda-inclusão, envolver maior número de pessoas com a temática, sensibilizando-as a participar do Seminário Moda Inclusiva Fortaleza 2020.

Assim, convém ressaltar a diminuta importância dada ao segmento da moda inclusiva em que, talvez pelas restrições e diversidade das deficiências, PCDs sofrem descaso enquanto cidadãos e cidadãs e, como potenciais consumidores, merecem abordagens diferenciadas que sigam para além dos valores de um nicho de elevada especificidade. As empresas ainda se manifestam de forma muito tímida no mercado, a exemplo da ausência de coleções de vestuários a exaltarem a estética em vez do funcional, uma reduzida visão da imperiosa necessidade de quererem ofertar praticidade e funcionalidade no manuseio e uso. Tal realidade compromete a oferta de opções às PCDs, deixando-as ainda distantes de verem suas necessidades e desejos atendidos com padrão de qualidade técnica e humana elevado, fundamental ao alcance da satisfação compartilhada entre ofertante e demandante.

## REFERÊNCIAS

ABLING, Bina; MAGGIO, Kathleen. **Moulage, modelagem e desenho: prática integrada**. Porto Alegre: Bookman, 2014.

ALDRICH, Winifred. **Modelagem plana para moda feminina**. Tradução de Cláudia Buchweitz. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2014.

BARATO, Jarbas Novelino. **Fazer bem feito: valores em educação profissional e tecnológica**. Brasília: UNESCO, 2015.

DELIZOICOV, Demétrio. **Colaboração**: Elizandro M. Brick. Didática Geral. 3. ed. Florianópolis: UFSC/EAD/CED/CFM, 2012.

DUARTE, Sonia; SAGGESE, Sylvia. **Modelagem industrial brasileira**. Rio de Janeiro: Guarda Roupas, 2016.

DUBURG, Annette; TOL, Rixt van der. **Moulage**: arte e técnica no design de moda. Tradução de Bruna Pacheco. Porto Alegre: Bookman, 2012.

GIL, A.C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 4 ed. São Paulo: Atlas, 2006.

INSTITUTO FEDERAL DE EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA DE SANTA CATARINA, Campus Gaspar. **Curso técnico em vestuário integrado ao ensino médio (Projeto), Eixo Tecnológico, Produção Industrial**. IFSC: Gaspar, 2011.

INSTITUTO FEDERAL DE SANTA CATARINA – IFSC. **Institucional**: Missão, Visão e Valores. [2012]. Disponível em: <<http://www.ifsc.edu.br/menu-institucional/missao>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

SILVEIRA, Icléia; ROSA, Lucas da; LOPES, Luciana D. **Modelagem básica do vestuário feminino**. Florianópolis: UDESC, 2017. Disponível em: <[https://issuu.com/modelline\\_udesc/docs/livro\\_vfinal\\_21092017](https://issuu.com/modelline_udesc/docs/livro_vfinal_21092017)>. Acesso em: 05 jan. 2018.

TREPTOW, Doris. **Inventando moda**: planejamento de coleção. 5. São Paulo: D Treptow, 2013.

Recebido em: 31/12/2018

Aceito em: 24/04/2019

DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/25944630322019080>